



O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

THE ENGLISH TEACHING IN BRAZIL

Valdomiro Polidório

RESUMO: Neste artigo, abordaremos o ensino de língua inglesa no Brasil. Começaremos falando sobre algumas fases do ensino de língua inglesa no Brasil. Trataremos, também, de questões como: o surgimento do ensino de língua inglesa no Brasil; alguns métodos usados durante a história do ensino de língua inglesa no Brasil; os problemas enfrentados pelos professores no ensino de língua inglesa no Brasil. Outra questão abordada será o fato de existir ou não um método ideal para ensinar língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; inglês; problemas; história; métodos.

ABSTRACT: In this paper we are going to approach the teaching of English in Brazil. We are going to begin writing about the phases of the English teaching in Brazil. We are also going to deal with questions as: the appearing of the English teaching in Brazil; some methods used during the history of the English teaching in Brazil; the problems faced by teachers in the English teaching in Brazil. Other issue that we are going to deal with is if there is an ideal method to teach the English language.

KEY-WORDS: teaching; English; problems; history; methods.

Introdução

A língua inglesa é considerada uma língua internacional. Ela é língua oficial em mais de 55 países e organizações como a ONU e OTAN. Como segunda língua oficial ela é falada em mais de 60 países. O número de falantes nativos é de aproximadamente 430 milhões e de não nativos é de aproximadamente 950 milhões. Uma entre cinco pessoas no mundo fala inglês como língua nativa, segunda língua ou língua estrangeira. Considerando a importância de se falar língua inglesa em um mundo cada vez mais globalizado, pensamos em fazer este estudo sobre o ensino de língua inglesa no Brasil. Começaremos traçando uma linha do tempo da história do ensino de língua inglesa no Brasil. Trataremos de questões como: o surgimento do ensino de língua inglesa no Brasil; o avanço nos métodos usados durante a história do ensino de língua inglesa no Brasil; os problemas enfrentados pelos professores nas diferentes fases do ensino de língua inglesa no Brasil; como os professores têm se qualificado para acompanhar a evolução do ensino de língua inglesa; o que os professores pensam sobre os diferentes métodos utilizados no ensino de língua



inglesa; os métodos que os professores usam e a razão pela qual optaram por esses métodos e se os materiais usados pelos professores correspondem às necessidades dos alunos.

Fases do ensino de língua inglesa no Brasil

O ensino de língua inglesa no Brasil começa no século XIX. No ano de 1809, o ensino da língua inglesa e da língua francesa torna-se obrigatório. O método usado para o ensino de língua inglesa era o Gramática-tradução ou o Método Clássico. Nesse método, as habilidades que são trabalhadas são as da leitura e escrita. Trabalha-se com a tradução de textos para estudar as regras gramaticais. O professor sempre usa a língua materna em sala de aula. Este método foi oriundo da Alemanha. Nos Estados Unidos, esse método foi, pela primeira vez, chamado de Método Prussiano. Gramática-tradução objetivava treinar os alunos para a leitura de literatura e criar uma disciplina intelectual. O objetivo do ensino de língua inglesa, no período do seu surgimento, era formar mão de obra.

A fase seguinte, nos leva ao ano de 1931, com a Reforma de Francisco Campos. Essa reforma trouxe mais ênfase ao ensino das línguas modernas. O Método Direto foi introduzido. No Método Direto, as instruções de sala de aula são conduzidas somente na língua alvo; somente o vocabulário do cotidiano era ensinado; o professor ensinava as expressões concretas através de demonstrações, objetos e figuras; as expressões abstratas e associadas a ideias; a gramática era ensinada por indução; novos assuntos eram introduzidos oralmente; conversação e compreensão oral eram ensinadas e a correta pronúncia e gramática eram enfatizadas. (RICHARD e RODGERS, 1986).

Em 1942, temos a Reforma Capanema que foi a que mais contribuiu para o ensino de línguas estrangeiras. Ela destinou 35 horas semanais para o ensino das línguas estrangeiras. As quatro habilidades: ler, escrever, compreensão oral e comunicação deveriam ser trabalhadas. Os objetivos eram: “educativos” (contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão) e “culturais” (conhecimento da civilização estrangeira e capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos).” (MACHADO; CAMPOS e SAUNDER, 2007, p. 04)

As LDBs de 1961 e 1971 não incluem as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso significou um retrocesso para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil.

A LDB de 1996 muda esse contexto determinando a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira no 1º e 2º graus, que tiveram seus nomes mudados para Ensino Fundamental e Ensino Médio. (ROSSATO, 2012, p. 590). Em 1998, apareceram os PCN's. Os PCN's, os



quais não são um conjunto de leis como as LDBs, mas funcionam mais como sugestões para o ensino de língua inglesa. “A importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo.” (PCN’s, 1998, p. 50).

Problemas enfrentados pelos professores

Ser professor no Brasil não tem sido fácil. Temos problemas seriíssimos como a indisciplina dos alunos, salas de aulas muito cheias, carência de material didático adequado, e baixa remuneração dos professores. Tudo isso tem dificultado grandemente uma profissão que deveria ser bem mais valorizada. Qualquer profissional que hoje exerce profissões consideradas nobres passou por professores antes de chegar a ser o que é. Porém, a valorização do professor fica muito aquém de qualquer outra profissão no Brasil.

É impossível se ensinar língua inglesa em uma escola que tem turmas com 30, 40 alunos. O que os professores geralmente fazem é trabalhar com o método *Grammar Translation*. Como um professor pode desenvolver uma aula de conversão com uma turma de 30 alunos com aulas que duram 45 minutos?, e se considerarmos os 15 minutos perdidos até que ele comece a dar sua aula, teremos então 30 minutos de aula. Assim, seria 1 minuto para cada aluno. Se o professor fizer somente uma pergunta para cada aluno, alguns alunos terão que esperar até a aula seguinte para poderem participar. Nós estamos falando de uma língua internacional que milhões de pessoas falam no mundo. Partindo desse pressuposto, fica óbvio que o ensino de língua inglesa nas escolas deveria ser bem mais valorizado.

Nós temos problemas com a língua inglesa falada no Brasil até com profissionais que deveriam ter uma boa fluência. Há muita precariedade no ensino de língua inglesa nas escolas. Não queremos dizer com isso que um aluno deva sair do Ensino Médio falando fluentemente a língua inglesa, mas que se nós tivéssemos turmas menores, mais carga horária, melhor infraestrutura, materiais didáticos mais adequados, teríamos a possibilidade de ter egressos com um melhor conteúdo de uma disciplina tão importante com a língua inglesa.

A língua inglesa deve ser ensinada não como uma forma a aculturar os alunos. Não devemos organizar comemorações de festas típicas de povos que falam língua inglesa. Não há nenhum problema em se ensinar que existem comemorações diferentes das nossas, bem como ensinar as origens dessas comemorações, o problema é comemorar como se fossem nossas. Isso pode ser um meio de aculturação de nossos alunos. Quando somente ensinamos as diferenças culturais existentes, como também a história e formação de um povo, isso enriquecesse o



conhecimento dos nossos alunos, e se torna algo positivo. O ensino de uma língua não deve ser realizado somente através de estrutura da língua, pois há uma história da formação dessa língua, e isso deve ser ensinado. Temos que ter somente em mente que nós temos a nossa língua materna e nossa história, e que o aprendizado de outra língua deve vir somente para enriquecer nosso conhecimento e não tomar lugar de nossa identidade. E que isso não fique entendido como um falso nacionalismo.

No passado a lei 5.692 /71 das Diretrizes e Bases da Educação desobrigava a inclusão de línguas estrangeiras no currículo de 1º e 2º graus, sob a égide de um falso nacionalismo que alegava que a escola não deveria se prestar a ser a porta de entrada de mecanismos de impregnação cultural estrangeira, e, através dessa influência, contribuir para o aumento da dominação ideológica de sociedades estranhas à brasileira, consagrando, com isso, um colonialismo cultural a serviço de interesses estrangeiros (NICHOLLS, 2001, p. 16).

Outro problema é que alguns professores de língua inglesa muitas vezes se excluem da comunidade que tem fluência na língua. A exigência de que se domine a língua leva muitos professores a imaginarem que devem seguir um modelo imposto por uma sociedade que ignora o ato de não existir falante perfeito em nenhuma língua, nem sequer na sua própria.

Os professores abdicam de suas identidades por se compararem a um modelo cultural e socialmente aceito como ideal: o falante nativo. A cultura e a ideologia associadas a esse falante fazem com que o professor de língua estrangeira se auto-exclua, ou ainda, assuma uma identidade passiva, aceitando inquestionavelmente, os padrões estabelecidos por esse falante ideal. (FERNANDES, 2006, p. 03)

Desmistificar a questão da ânsia de se tornar quase que um falante nativo de língua inglesa é primordial para que os professores possam ter a clareza de que nem eles, nem seus alunos deverão ter isso em mente. O importante é que eles busquem a fluência da língua para atingir o principal objetivo que é a comunicação. O bloqueio na comunicação oral, muitas vezes vem do mito de que devemos ter uma oralidade perfeita. Isso não é verdade. Devemos seguir uma linguagem padrão sem nos preocuparmos em demasia com detalhes, pois se assim fizermos teremos muita dificuldade em termos uma boa fluência em língua inglesa. Não devemos sobrecarregar nossos professores com exigências que nem mesmo quem exige pode cumprir. Devemos, sim, trabalhar com questões reais, coerentes. Isso não significa que os professores devam ficar sem cursos de aperfeiçoamento. Há a constante necessidade de que os professores se atualizem através de cursos de aperfeiçoamento.



Existe um método ideal para ensinar língua inglesa?

Há muitos métodos usados no ensino de língua inglesa. Mas, será que existe um método ideal? Não, não há um método ideal para se ensinar língua inglesa. É muito importante que os professores, a partir de suas experiências, percebam qual é o método mais adequado para sua realidade. Um método que pode ser considerado bom para alguns professores, para outros não se mostra tão eficaz. O que devemos ter em mente é a realidade na qual trabalhamos. Se o trabalho é realizado em escolas de idiomas, os métodos usados podem ser ou audiolingual ou o audiovisual. Contudo, quando o trabalho é realizado em escolas de ensino regular, o método será o da gramática tradução. Por que isso ocorre? Ocorre porque em uma escola de idiomas há bem menos alunos em sala de aula e os recursos e a infraestrutura são bem melhores do que nas escolas de ensino regular, isso facilita o uso de métodos que enfatizam a comunicação oral. Será então que os professores do ensino regular estarão fadados a usar sempre o mesmo método? Se a realidade não mudar em relação aos problemas existentes nas escolas, é humanamente impossível o uso de um método diferente do da gramática tradução.

Por que o método audiolingual não pode ser usado nas escolas de ensino regular? Para responder a essa pergunta, devemos falar primeiro sobre algumas características desse método. O método audiolingual surgiu durante a Segunda Guerra Mundial quando os americanos necessitaram de falantes de línguas estrangeiras. Eles não tinham muito tempo para preparar esses falantes. Então, a chamada abordagem audiolingual foi adotada. Na abordagem audiolingual os alunos devem aprender a língua alvo como aprenderam seu idioma materno. Eles devem primeiro ouvir, depois, repetir, as expressões aprendidas são usadas em situações de conversação, a leitura e a escrita vêm depois. Depois dessa breve descrição do que é o método audiolingual, podemos argumentar que não há possibilidades de usá-lo nas escolas de ensino regular, pois como já mencionamos, o número de alunos, o tempo de duração de cada aula e o número de aulas semanais impedem que esse método seja adotado.

O método audiovisual pode ser usado nas escolas regulares? Antes de responder a essa pergunta, devemos falar um pouco sobre esta abordagem. O método audiovisual surgiu como um aperfeiçoamento da abordagem audiolingual, gravações em fitas, depois em CDs e vídeos gravados por falantes nativos foram introduzidos ao ensino da língua estrangeira. Assim, o uso de método audiovisual nas escolas regulares esbarra novamente no número de alunos em sala de aula, o número de aulas semanais e a duração dessas aulas. Apesar de as escolas terem recursos como a TV pen drive a qual pode ser usada para que os alunos assistam a vídeos que apresentam



falantes nativos, devido ao tempo e número de alunos, o conteúdo a ser trabalhado fica prejudicado.

O objetivo do ensino de qualquer língua estrangeira deve ser a comunicação oral. Partindo desse pressuposto, o trabalho nas escolas, na atual conjuntura, não atingirá esse objetivo. Os professores, a partir da sua realidade e possibilidade, devem fazer o melhor que podem para que assim não contribuam para uma situação totalmente adversa para o ensino de uma língua estrangeira nas escolas.

Considerações finais

Considerando as dificuldades do ensino de língua inglesa nas escolas de ensino regular, devemos procurar alternativas para que nossos alunos possam aprender pelo menos algumas expressões em língua inglesa. Os professores não são mágicos, eles não são super-heróis. As condições atuais do ensino de língua inglesa dificultam muito o trabalho dos professores. Então, como podemos melhorar nosso trabalho nas escolas? Fazer o melhor que podemos, esse é o primeiro passo. Se nos propusermos a preparar aulas com um material dinâmico e que chame a atenção dos alunos, talvez possamos ter melhores resultados. Quando usamos a palavra “talvez”, é porque vivemos em uma atmosfera tão negativa, tão desanimadora que achamos que a luz no fim do túnel é somente a luz do trem. Como chamar a atenção de alunos que geralmente tem contato com atrativos muito maiores do os professore possam oferecer em sala de aula? Isso parece desesperador, e muitas vezes o é. Contudo, argumentamos que devemos fazer a nossa parte, o nosso melhor. Se prepararmos boas aulas e elas não apresentarem um resultado pleno de sucesso devido a todas as adversidades que existem nas escolas, pelo menos teremos feito o nosso trabalho da melhor maneira possível. O que não podemos fazer é contribuir para o caos que se encontra o ensino em nossas escolas. Se nós não prepararmos boas aulas porque há muitos alunos em sala de aula, a duração das aulas curta, o número de aulas semanais é muito reduzido, os alunos são muito indisciplinados, então, teremos que incluir mais um item às dificuldades do ensino de língua inglesa nas escolas, “aulas muito pobres”. Infelizmente, alguns professores que trabalham com o ensino de língua inglesa não tinham a intenção de fazê-lo, pois sua primeira opção era o trabalho com a língua portuguesa, mas para completar a carga horária, eles acabaram assumindo a disciplina de língua inglesa. Se tivéssemos mais aulas de língua inglesa no currículo, se as aulas fossem mais longas e se o número de alunos por turma fosse menor, então teríamos um contexto muito mais favorável para o ensino dessa língua tão importante no contexto de mundo a cada dia mais globalizado. Como o ensino de língua inglesa se apresenta



hoje, nas escolas, ele somente preenche um espaço no currículo, é como se fosse um detalhe de um ornamento de um quadro que é pouco percebido. Nesse sentido, métodos, materiais, estratégias e recursos ficam em segundo plano, pois as dificuldades que os professores enfrentam na sala de aula são bem maiores. O olhar sobre o ensino de língua inglesa deveria ser um olhar no sentido de fazer com nossos professores pudessem realmente ensinar o mínimo de conteúdo possível no que se refere à comunicação oral de nossos alunos. Esperamos que essas reflexões possam fomentar mais discussões sobre o ensino de língua inglesa nas escolas e que possamos ter uma melhoria nas condições de ensino dessa língua universal.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FERNANDES, C. S. **Representações e construção da identidade do professor de inglês**. São Paulo: PUC, 2006.
- MACHADO, R.; CAMPOS, T. R. e SAUNDERS, M. C. **História do ensino de línguas no Brasil: avanços e retrocessos**. Revista Helbano, Vol. 01, No. 02. Brasília: UNB, 2007.
- NICHOLLS, Susan Mary. **Aspectos Pedagógicos e Metodológicos do Ensino de Inglês**. Maceió – AL: EDUFAL, 2001.
- RICHARDS, Jack & Rodgers, Theodore. **Approaches and methods in language teaching**. New York: Cambridge University Press, 1986.
- ROSSATO, V. **As diferentes metodologias de ensino da língua inglesa em diferentes segmentos de ensino**. Revista Eventos Pedagógicos, Vol. 03, No. 01. Sinop: 2012.